

CB
21/4/97 122
Pataxó Hã Hã Hã
496

Galdino, da tribo dos pataxós, dormia, cansado, no ponto de ônibus da 503/504. Acordou, aterrorizado, com as chamas que queimavam quase todo o seu corpo

RAPAZES TOCAM FOGO EM ÍNDIO NA W3-SUL

Ronaldo de Oliveira



Com queimaduras em 95% do corpo, o índio pataxó está hospitalizado e tem poucas chances de sobreviver

Ronaldo de Oliveira



Presos, os rapazes alegaram que tudo foi uma "grande brincadeira"

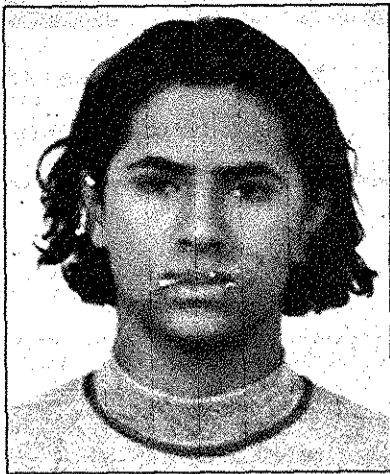
Um crime bárbaro horrorizou a cidade na véspera de seu aniversário. Cinco rapazes de classe média do Plano Piloto tocaram fogo ontem de madrugada no índio pataxó Galdino José dos Santos. Galdino dormia no banco da parada de ônibus entre as quadras 503 e 504, na W3 Sul. Às 5h30 de domingo, Max Rogério Alves, 19 anos, enteado de um procurador da Justiça, estacionou ao lado da parada o Monza preto placa JDQ-5807. Max e os amigos Eron Chaves Oliveira, Antonio Novelli Villanova, Tomás Oliveira de Almeida (todos de 19 anos) e G.N.A.J (17 anos), passageiros do carro, jogaram um líquido inflamável sobre o índio — possivelmente álcool ou thinner — e atearam fogo. Com queimaduras de 2º e 3º grau em 95% do corpo — só não foi atingido nas solas dos pés e no alto da cabeça —, Galdino foi levado por testemunhas para o Hospital da Asa Norte em estado gravíssimo. “A cara dele desmanchava”, contou, chorando, o chaveiro Niron Santos

Magalhães, que assistiu tudo e identificou para a polícia a chapa do carro. “A pele do braço sata sozinha”. Segundo os médicos, as chances de Galdino sobreviver são quase nulas. Ele vive no sul da Bahia e veio a Brasília negociar com a Fundação Nacional do Índio (Funai) a demarcação das terras de sua tribo. Dormia na parada de ônibus porque, ao voltar de uma festa, perdera o rumo da pensão onde estava hospedado. Eron, Tomás e o menor G.N.A.J. moram nas quadras 213 e 413, em apartamentos confortáveis. Antônio Villanova, filho de um juiz federal, mora na 715 Norte com o irmão. O crime que eles cometeram — tentativa de homicídio qualificado com uso de fogo — é considerado hediondo pelo Código Penal. Se Galdino morrer, os acusados podem ser condenados a passar de 12 a 30 anos na prisão. Se sobreviver, a pena pode ser reduzida em um terço. “A honra de Brasília está em jogo”, afirmou o governador Cristovam Buarque, classificando de “bandidos” os responsáveis pela agressão.

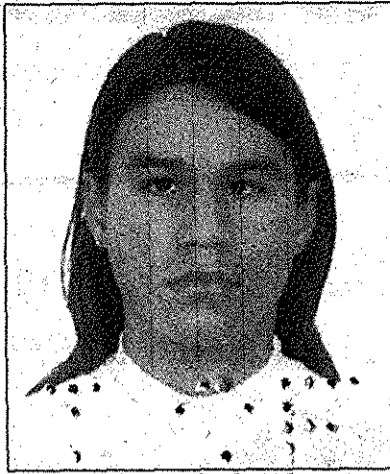
Fotos: Ronaldo de Oliveira



Antonio Novelty Vilanova, 19 anos



Max Rogério Alves, 19 anos



Thomas Oliveira de Almeida, 19 anos



Eron Clóvis de Oliveira, 18 anos

Selvageria contra índio envergonha todo o país

O cacique Galdino Jesus dos Santos tem escassas chances de sobrevivência.

Ele foi queimado vivo enquanto dormia

Andrea Mota
Da equipe do Correio

Um dia depois do Dia do Índio, 19 de abril, comemorado com protestos pelos 320 mil índios do país, cinco rapazes de classe média, do Plano Piloto de Brasília, jogaram combustível e incendiaram o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, na madrugada de ontem, numa parada de ônibus da 503/504 da W3-Sul, num crime que provocou comoção no país. "Estou horrorizado", disse o presidente Fernando Henrique Cardoso. "Esse crime enoja a sociedade brasileira", completou o ministro interino da Justiça, Milton Seligman. "A honra de Brasília está em jogo por causa desse crime hediondo", indignou-se o governador Cristovam Buarque.

O índio Galdino dos Santos, 44 anos, da tribo Pataxó há-hã-hã, do sul da Bahia, deu entrada na unidade de queimados do Hospital Regional da Asa Norte com 95% do corpo consumido por queimaduras de segundo e terceiro graus. O que seria "uma brincadeira" de cinco adolescentes está consumindo, aos poucos, a vida do índio e provocando a revolta de toda a sociedade.

Por volta das 5h30 da manhã de ontem, Max Rogério Alves, 19 anos, Eron Clóvis Oliveira, 18, Antônio Novelty Cardoso Vilanova, 19, e Thomas Oliveira de Almeida, 19, em companhia de um menor de 16 anos identificado apenas como Gutemberg — irmão mais novo de Thomas — voltavam de uma noite de agitos no Centro Comercial Gilberto Salomão quando resolveram estacionar o Monza preto, placa IDQ 5807, em frente à parada de ônibus para fazer o que chamaram de "brincadeira".

Jogaram sobre o corpo do índio Gilson uma substância inflamável, provavelmente álcool ou produto químico utilizado na limpeza de carros, ateando fogo em seguida. Ao verem que o ato assumiu proporções maiores que o esperado, quatro dos cinco rapazes fugiram do local a pé, correndo. Max Rogério permaneceu na condução do veículo. Sua atitude instintiva foi arrancar com o carro na direção em que iam seus comparsas para capturá-los.

O que os acusados não previram foi a presença de testemunhas na hora do atentado. O estudante Niron Euclides Santos Magalhães, com a amiga Tatiana Basso, passava pelo local segundos após o atentado. "Vimos uma pessoa ardendo em chamas na parada de ônibus e mais à

frente um carro arrancando", conta Tatiana. "Eu segui o carro em que eles estavam até conseguir anotar a placa do veículo", conta Niron.

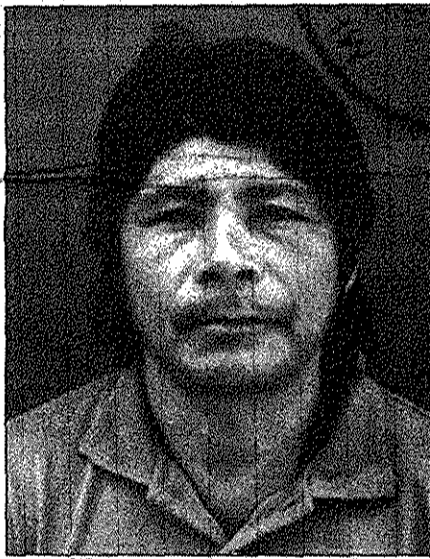
Enquanto Niron perseguia os acusados, outras quatro pessoas tentavam salvar o índio, que agonizava em chamas no banco da parada. "Tentamos apagar o fogo do corpo da vítima com casacos e água, mas o que extinguiu as labaredas foi o extintor de incêndio do carro", relata uma das testemunhas, Adriano Gomes Siqueira.

Uma viatura da Polícia Militar que passava pelo local e transportou a vítima, ainda consciente, ao pronto-socorro do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN). "Ele chegou aqui com 85% do corpo com queimaduras de terceiro grau e 10% de segundo. Só não tinha queimaduras nas solas dos pés e no alto da cabeça" contou a médica Maria Célia Martins Bispos, que atendeu o índio. No final da tarde de ontem, ele respirava com ajuda de aparelhos e apresen-

tava insuficiência renal aguda. O caso se agravou com uma insuficiência respiratória", informou Maria Célia Bispo. "As chances de sobrevivência do índio são mínimas", completou.

PROTESTO

Galdino Jesus dos Santos chegou a Brasília no dia 19, sábado, acompanhado de outros oito índios da tribo. Eles vieram pedir a demissão do presidente da Funai, Júlio Gaiger. "Ele está impedindo a demarcação de nossas terras na Bahia", acusou a auxiliar administrativa da Funai, Miriam Terena.



Galdino Jesus dos Santos, vítima da selvageria de cinco rapazes

Na noite anterior ao atentado, Galdino — que também era conselheiro e líder da comunidade tribal Pataxó Há-Hã-Hã — resolveu se juntar aos outros membros de sua tribo que festejavam em uma cerimônia de comemoração ao Dia do Índio na sede da Funai.

Às 12h, ele deixou a festa para retornar à pensão de do-
na Vera Morelli, na 703, da W3-Sul, onde estava hospedado às custas da Funai. No caminho de volta, Galdino se perdeu e chegou ao dormitório apenas às 3h. "A dona da pensão o barrou na entrada e disse que já passavam das 9h — hora em que as por-

tas normalmente se fecham", contou o primo da vítima, Gerson Pataxó.

REVOLTA

Em frente ao HRAN, o clima era de revolta e desespero. Parentes da vítima e líderes indígenas circulavam no local em busca de informações sobre o estado de saúde do índio Galdino.

Cerca de 20 policiais guardavam a porta da unidade de queimados, impedindo o acesso de parentes do índio ao interior do hospital. "Vamos buscar mais pessoal na aldeia para acompanhar o caso", ameaçava o primo da vítima Gerson Pataxó. "Queremos Justiça", pregava Justino Pataxó, pai de Galdino.

O ministro interino da Justiça, Milton Seligman, foi ao hospital, por volta das 14h, para ver as condições do índio Galdino. "Esse foi um ato de vandalismo. Um crime com requintes de crueldade que nós recebemos com revolta", resumiu o ministro.

O governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, também esteve presente para apoiar os familiares da vítima. "Não foi apenas um atentado contra o povo de Brasília, mas sim contra a humanidade", opinou Cristovam, classificando de "bandidos" os rapazes responsáveis pela agressão. O governador foi enfático ao exigir a apuração e condenação dos réus. "Para salvar a honra da cidade, que está em jogo, só com punição exemplar", pregou.

Os cinco adolescentes estão sendo acusados de tentativa de homicídio. A pena nesses casos é de 12 a 30 anos de prisão. "Eles foram autuados em flagrante e estão aguardando julgamento", informou o advogado de defesa de Eron, Thomas e do menor Gutemberg, Rommel Parreira Corrêa.



O governador Cristovam Buarque conversa com lideranças indígenas no HRAN. "Crime hediondo."

Na polícia, réus confessos

A madrugada de sábado para domingo foi longa para cinco jovens de classe média da cidade. Todos moradores do Plano Piloto e sem passagem pela polícia. Mas o que era apenas uma noite acabou mal.

Os amigos Max Rogério Alves, 19 anos; Eron Clóvis de Oliveira, 18 anos; Antônio Novelty Cardoso Vilanova, 19 anos; Tomás Oliveira de Araújo, 19 anos, e o menor G.O.A., 16 anos, irmão de Thomas, resolveram "fazer uma brincadeira" com o índio Galdino Jesus dos Santos, 44 anos. Incendiaram-no.

Agora são réus confessos de ten-

tativa de homicídio — "tentativa" se o agredido conseguir sobreviver às queimaduras, caso contrário, é homicídio qualificado. "Um crime hediondo, um ato contra a humanidade", nas palavras do advogado Paulo Machado de Guimarães, da comissão de direitos humanos da OAB-DF.

Até às 20 horas de ontem, os cinco amigos continuavam depondo na 1ª Delegacia de Polícia. Os próprios policiais ficaram chocados com a violência dos rapazes. "Nunca tinha visto selvageria igual", contou um delegado presente ao depoimento.